

No manto de Nossa Senhora de Guadalupe

In the mantle of Our Lady of Guadalupe

Ênio José da Costa Brito*

Recebido: 14/03/21

Aprovado: 20/03/21

*Quantas imagens contém uma imagem (Bougnoux)
O mito é só uma peça desse labirinto cultural”.
Essa tese procura explicar o olho d’Água (Guadalupe)
onde brota e se funda o imaginário das duas culturas
na heterogeneidade.
(Ana Maria de Sousa)*

Introdução

Ler a tese de Ana Maria de Sousa, intitulada *No Manto de Nossa Senhora de Guadalupe: a hibridação das culturas espanholas e Asteca do século XVI e as antigas manifestações marianas* se surpreender com a minuciosa construção de cada capítulo e pela sensibilidade com que apresenta seus *insights*. Seu objetivo “é investigar a capa de Guadalupe, através do embate entre o conquistador espanhol e os indígenas mexicanos, puxando a linha comparativa nas antigas manifestações marianas”(SOUSA, 2020, p.20).¹

Temos em mãos uma tese escrita com competência e coragem, que aborda um tema de pesquisa desafiador e original, trilhando com sensibilidade veredas abertas pelos estudos de temáticas relacionadas aReligião Material.

Elege como hipótese “ser o manto símbolo de hibridismo entre duas culturas díspares e ter reflexos nas antigas ‘aparições’ de Nossa Senhora Maria” (p.20). Para auxiliar na pesquisa cria o neologismo “mantologia”. “Para delinear nossa ‘mantologia’ considera-se que a imagem de Nossa Senhora Maria é atravessada por construções retóricas e seu manto, um artifício rizomático, repleto de elementos metafóricos do imaginário popular”(p.22).Para a autora, “mantologia” é a metáfora maior para

* Ênio José da Costa Brito é professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, e no Instituto Teológico São Paulo (ITESP). É coordenador do Grupo de Pesquisa “Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas)” e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Editor responsável de revista Último Andar. <https://orcid.org/0000-0002-7730-0760>; brbrito@uol.com.br.

¹SOUSA, Ana Maria de. *No Manto de Nossa Senhora de Guadalupe: A hibridação das culturas espanholas e Asteca do século XVI e as Antigas manifestações marianas*. Doutorado em Ciência da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020. Defendida em 13 de novembro de 2020.

pesquisar o imaginário popular de Nossa Senhora Maria (p.42)².

Sousa foi muito feliz nas opções feitas: de não discutir a autenticidade histórica ou as polêmicas sobre a Virgem de Guadalupe, mas sim a narrativa no âmbito do imaginário popular; de analisar o manto enquanto “Símbolo Metafórico”, recorrendo ao mito e aos testemunhos; de demonstrar que na simbologia do manto, também se pode interpretar a hibridação das culturas asteca e espanhola, adendo-se às convicções, entrelaçamentos devocionais, religiosos e políticos.

Enfim, ao defender que a narrativa guadalupana teria surgido inicialmente na comunidade indígena, confirmando o epíteto “Santa Maria de Deus Tonantzin” (p.70). Posicionamento que nos é relembrando em outras passagens da tese, “o imaginário popular em torno de Guadalupe fluiu inicialmente dos indígenas através do mito” (p.111).

Para acompanhar de perto esta pesquisa que “investiga a ‘mantologia’ de Nossa Senhora de Guadalupe, enquanto simbologia do imaginário popular no México do século XVI, no viés da relação entre os colonizadores e colonizados” (p.22), optamos por refazer os passos dados pela autora *Introdução* até a *Conclusão*.

Viagem pela estrutura da tese

A *Introdução* oferece dados importantes para uma correta compreensão do texto: apontando sua importância, “ainda não existe um trabalho investigativo entre a ‘Mantologia’ de Guadalupe relacionando ao sistema fronteiro entre os indígenas e o homem branco” (p.32) Enuncia com clareza as fontes, o objeto de estudo está delimitado e problematizado.

Numa publicação futura, a *Introdução* no seu conjunto pode ganhar maior leveza: organizando melhor o *estado da arte*, que se encontra espalhado por toda ela e evitando o excesso de informações. Importante trazer já na *Introdução* o esclarecimento com relação a dois conceitos: Imaginário / Imaginação (p.75). Autênticas mantras no texto. Gilbert Durant é um referencial teórico importante, que merece ser mencionado.

“*Mantologia*” de inúmeras Nossa Senhora Maria é o título do capítulo primeiro que, entre outros pontos mostra que a Cultura Asteca e a espanhola encontraram na Virgem de Guadalupe o polo aglutinador que: alargou o horizonte de ambas; amenizou o

²Para a autora, “este neologismo exprime um novo olhar imagético, pois abrange a perspectiva historiográfica, religiosa e cultural de um povo, no enfoque da memória, costumes, crenças, rituais, misticismo, narrativas e a construção da identidade local” (p.39).

trauma da conquista e selou a paz (p.83);funcionou como arrimo entre os dois povos conflitantes (p.95)e mudou o paradigma de uma nação com o cruzamento entre os indígenas e o colonizador em torno de uma crença.

Pensando nos leitores(as), a autora poderetomar sinteticamente os inúmerosdados levantadosna análise comparativa das imagens da Virgem (p.44-68). Sugiro um título para a síntese:*Semelhanças e dessemelhanças nas iconografias da Virgem*. A opção de partir das aparições marianas mais remotaspara confeccionar um manto como modelo iconográfico de comparação com Guadalupe abre possibilidades de estudos comparativos.

Algumas associações presentes no capítulo apontam tanto para a riqueza da pesquisa como para o desafio da análise. Temos a associação da narrativa de Guadalupe associada a um mito poético (p.79), a compreensão do manto guadalupano como um sistema aberto (p.82). Associações que alimentam a crença popular por serem provedoras de tradições antigas e por reunirem uma compilação do passado com outras ramificações e apropriações.

O manto é o fio metafórico condutor da sociedade, pós colonização. De um lado, Juan Diego explicando a cultura asteca, enquanto oprimido. Do outro as figuras femininas Tonantzin-Guadalupe teriam sido trabalhadas no imaginário popular dos indígenas como o gancho entre as duas culturas estabelecendo uma interlocução entre costumes, tradições, vestuário e carga simbólica(p.78)

O capítulo segundo,*Imaginário do Novo Mundo: terra de seres incríveis*, convida seus leitores (as) a acompanharem o encontro assimétrico entre a cultura Asteca e a espanhola, oferecendo dados para uma compreensão da simbiose, da bricolagem de “algumas divindades astecas femininas, que possuíam o título de Mãe e o cruzamento com a imagem católica dos homens de Castela” (p.112).

Proponho uma questão para ajudar-nos a trazer à tona as águas profundas presentes no capítulo: como conjuntos mítico-rituais astecas foram relidos e ressignificados para continuar dando sentido ao seu mundo?

A pergunta foi confirmada na página 112: “Defendemos que o imaginário popular em torno de Guadalupe fluiu inicialmente dos indígenas e depois foi adotado pelos católicos como forma de hibridação e não vice-versa” (p.112).

Algumas informações de perfil histórico podem enriquecer ainda mais as informações apresentadas. Menciona a chegada de Cortés no México,que com 400 homens, 16 cavalos, 32 escopetas e 4 canhões derrotou aproximadamente 500 mil homens (p.90). Numa nota de rodapé poderia trazer algumas hipóteses explicativas da

derrota do Império Asteca, e são muitas, por exemplo: Bartolomeu de Las Casas explica a derrota pela inferioridade do armamento indígena; o cronista Bernal Diaz afirma que a causa foram as divisões políticas no interior do Império; para Oviedo, foram erros de estratégia militar que ocasionaram a derrota de Atahualpa; e ainda uma hipótese mais moderna de Todorov, que considera a derrota dos índios como consequência de sua incapacidade de decodificar os signos dos conquistadores (BARROS, 2019, p.27).

A autora recorre às crônicas como documentos testemunhais importantes, no entanto, não pode esquecer de comentar/oferecer informações sobre este gênero de documento, que precisa ser lidocriticamente.

As crônicas quinhentistas, entre as quais a de Díaz Castillo (sobre a Ave-Maria, podem ser referendadas como documentos testemunhais porque os autores estiveram presentes, durante a colonização espanhola e deixaram seus depoimentos (p.92).

As considerações sobre o problema da conversão dos indígenas merecem ser mais matizadas (p.94). A leitura do texto organizado por Robin Wright, *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos de conversão entre os povos indígenas no Brasil*, ajuda nesse processo. No próprio texto da tese já encontramos contrapontos, por exemplo: “Sahagún e outros missionários perceberam que os *supostos conversos* não haviam renunciado a seus antigos deuses ainda que frequentassem a Igreja, atos que agradavam os recém chegados homens de Castela, mas que não garantiam a conversão” (p.119. Grifo meu).

Uma das contribuições do capítulo é a seguinte:

o manto pode ser amarrado pelas bordas da questão asteca na indagação, se Guadalupe teria sido uma criação mitológica dos indígenas, a partir de Tonantzin” e pelo fato de terem aceitado dar um novo nome (Guadalupe) a sua antiga deusa, como era costume entre os náuatles (p.177).

Em *Tradição, Herança cultural e vestimentas dos Náuatles com base híbrida* a autora recorre aos Códigos, autênticas zonas de contato (p.122), como essenciais para dissecar as diversas faces da “mantologia”, eles ajudam a averiguar a história das roupas dos astecas, principalmente na tentativa de verificar um modelo para as vestes de Guadalupe (p.124), que deixa raízes na antiguidade.

Uma das categorias básicas utilizadas é zona de contato, entendida por Mary Pratt como:

Espaços de encontros coloniais, no qual pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas geralmente associadas e circunstâncias

de coerção, desigualdade radical e obstinada (PRATT, 1999, p.30-31)³

Tendo presente esta descrição do conceito, seu leitor valorizará muito mais as várias referências feitas a ele no seu texto.

A autora nos lembra que Diego Durán valoriza os Códigos. “Durán enfatiza a importância dos Códigos [...] conservaram seus feitos, suas memórias, suas guerras e vitórias[...] tinham tudo escrito[...] contando os anos, meses e dias que havia acontecido”⁴ (p.124). Sobre Sahagún, ofereceu algumas informações; penso que o mesmo pode ser feito com relação a Diego Durán. Vale a pena lembrar que Durán encontra entre crenças indígenas e cristãs semelhanças; eis aí um ponto diferencial na sua leitura daquelas sociedades. Outro tópico que chama atenção na obra de Durán, é a utilização da Bíblia na *História de las Indias* para interpretar as narrativas que ele colhe sobre a cultura mexicana (DURÁN, 2014).

Nas entrelinhas, a obra de Diego Durán revela também que o contato interétnico (situações de contato/zonas de contato) e a consciência histórica dessas sociedades se expressam na criatividade simbólica (indígenas falam sobre seu próprio passado); na criatividade política (indígenas se reconhecem como agentes históricos); na dialética de transformação e reprodução e nos projetos de continuidade religiosa, social e cultural.

A afirmação de Sérgio Ferreti joga luz sobre o movimento realizado pela autora no capítulo, depois de afirmar que ele ajuda a incorporar a pedra jadea Guadalupe, traz a citação de Ferreti que afirma: “um intenso processo de mudança cultural [...] liberando as amarras que vêm de outras épocas e dotando-as de outras identidades, que retrabalharam tradições e lhe emprestaram novos sentidos” (p.128).

Um desafio que permanece quando se pensa no desmonte da conquista: quais as estratégias utilizadas pelos indígenas para manterem sua cosmogonia nas práticas cotidianas e nas explicações dada por eles sobre sua cultura, história e religiosidade?

Dois movimentos são realizados no capítulo quarto, intitulado *“Mantologia” de Nossa Senhora Maria em relação aos astecas e à história das Artes*. No primeiro, de

³ Numa outra passagem Mary Pratt escreve: “Gosto de chamar ‘zonas de contato, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo” (p.27).

⁴ Nota da autora: “é pertinente explicar aqui que os Códigos (*Códices*, em espanhol ou *Codex*, em inglês), tratam-se de uma espécie de manual, que por meio do gênero pictórico ou manuscrito eram guardados as memórias dos náutles, contudo os missionários espanhóis do século XVI também fizeram uso deles para incentivar os colonizados a recuperar seus antigos costumes e retratá-los para que entendessem melhor aquela cultura; então esses códigos passaram a ser essenciais, pois os desenhos, inicialmente, ajudaram os espanhóis a compreender o cotidiano dos indígenas, sem precisar usar a fala e contribuía para armazenar os dados como representativos das tradições dos astecas” (p.24).

perfil estético, depois de inserir a tela quadalupana num período da história da arte (p.148), Sousa pergunta como os detalhes foram construídos, sua relação com o *design* e qual a mensagem que pretende comunicar priorizando a composição estratégica da imagem (p.156). O segundo, de perfil ilustrativo, recorre a obras famosas da história da arte para sustentar a tese do hibridismo guadalupe-náuatle (p.218).

A análise minuciosa do quadro de Guadalupe mostra o desejo de dar a conhecer os mínimos detalhes do mesmo, mas também o cuidado, por sinal presente em toda a tese, de trazer sempre uma vasta gama de informações sobre o tema, de modo que os futuros leitores possam refinar sua visão do quadro de Guadalupe (p. 157s). Muito rica a pesquisa iconográfica de imagens sagradas anteriores a Guadalupe visando estabelecer semelhanças e diferenças.

Uma ideia a ser mais explorada: “a roupa tem sua memória própria e pode nos transportar a situações e sentimentos remotos” (p.155). Passou muito rapidamente por ela.

Lendo a tese várias vezes pensei na contribuição que “os estudos visuais” poderiam dar para suas análises. Os “estudos visuais” buscam separar os conceitos de visível e visualidade, mesmo sabendo das dificuldades inerentes a esta separação. Visível se refere a condições de visualidade, ou seja, como as coisas se dão a ver para cada olhar, enquanto visualidade se refere à maneira como esse mesmo olhar vai perceber e atribuir significado ao visível.

Os estudos visuais têm presente que a História visual não é uma história feita exclusivamente de fontes visuais, mas também de referências à visualidade presente em contextos culturais específicos, isto é, ela não se restringe unicamente ao visual mas se debruça também sobre a cultura e a dimensão visual contida em todos os tipos de produções culturais em um determinado contexto. Na pesquisa temos muito de história visual, que poderia vir à tona.

Dois tópicos chamaram a atenção: a iconografias do manto e a experiênciavisual.

Quanto ao primeiro, a autora afirma:

As iconografias do manto mariano se abrem em um sistema aberto de conceitos, passam pela experiência estética, se solidificam nos arrimos do sagrado para desembocarem no estilo próprio do artista” (p.148).

Afirma ainda “a iconografia de Guadalupe captou as múltiplas faces do sagrado que os espanhóis prezavam e a roupa foi ao encontro de algumas deidades astecas” (p.83).

Com relação à segunda:

A experiência visual com o manto não limitada, nem neutra, ao mesmo tempo em que se situa numa proporção simbólica também abrange o pictórico, provocado pelo impacto da admiração em relação a essa peça de vestuário, daí se estabelece o estiramento envolvendo imagem e oralidade, que se estende desde o século XVI. (p.151).

Considerações finais

Chama atenção o olhar feminino presente no texto, texto aberto que costura com esmero o objeto de estudo, o manto de Guadalupe, fonte inexaurível de significados.

Ao acentuar a presença de um marcante processo híbrido na análise do manto, nos encontros culturais e nas inúmeras análises das imagens de Nossa Senhora, mantém o leitor na fronteira, além de convidá-lo e enveredar pelas sendas dos estudos visuais.

Aplica com cuidado o método comparativo nas análises iconográficas das imagens de Nossa Senhora e método de análise de Panofsky no manto. Nas palavras da autora:

Sobre o manto jade de Guadalupe constatamos não existir precedente em relação a essa tonalidade e a disposição das estrelas, nas roupas das iconografias das primeiras “revelações” marianas, no desenhos nas catacumbas dos primeiros cristãos romanos, em compêndios de orações e nas obras de arte selecionadas (p.227).

Pensando nos futuros leitores, uma menção a Maria no âmbito teológico, respondendo brevemente à questão: quem é Maria? Seria bem-vinda.

A apresentação e a discussão em torno dos entrelaçamentos culturais são marcantes, no entanto deixaram na sombra os entrelaçamentos de perfil político, presentes em todo o acontecimento, como também uma reflexão sobre a religiosidade que brota num contexto de dominação.

Um tópico que poderia ser mais explorado, como já notamos acima é a relação manto-corpo. O manto cobre o corpo e ao cobri-lo ganha relevância ao estabelecer relações simbólicas, ressignificações. A junção manto-corpo torna-se um repertório simbólico multifacetado.

A iconografia de Guadalupe se assemelhava ao perfil de um índio do México quinhentista: pele morena, cabelos escuros, o laço na cintura, as mãos postas, que remetiam a uma grávida náuatle, mas principalmente o manto jade, que continha relevância aristocrática, aliado aos raios de sol, que denotava uma das maiores deidades para os indígenas. A imagem metafórica de Guadalupe possibilitou que a simbologia do passado asteca fosse replicada à iconografia.(p.225)

Tendo presente a história de Guadalupe e os impactos da mesma, Sousa empreende uma narrativa retrospectiva oferecendo uma interpretação do quadro

guadalupano. O processo de simbiose ocorrido com o quadro de Guadalupe não é estranho à história, mas com frequência é obscurecido pelas religiões. Daí a necessidade de pensá-lo para além da institucionalidade.

Símbolos com frequência tornam-se opacos e precisam ser novamente iluminados; sua tese ilumina para os leitores (as) o símbolo guadalupano entrelaçando a cultura indígena e a dos colonizadores (p.170).

Ao terminar a leitura fiquei pensando numa imagem gráfica para sua tese. Lembrei de Barra Bonita com sua eclusa. Os capítulos da tese são como eclusas, que nos elevam gradualmente até nos colocar diante do quadro de Guadalupe, agora para contemplá-lo sob novas luzes; a imagem no conjunto se apresenta com um código mestiço, composto comunicacional bordado de sentidos não apenas para os indígenas, mas para o novo indivíduo que é gestado a partir daquele evento.

Relembro uma afirmação do historiador Matheus Gato, pois ela se aplica em gênero, número e caso ao evento guadalupano: “É espantoso como acontecimentos particulares, enraizados em conjunturas locais e periféricas, pode explicar características e transformações de vulto numa sociedade”(GATO, 2020,p.136).

A opinião unânime dos arguidores é de termos em mãos uma tese original, que se lê com prazer, leitura pontilhada de surpresas, que brotam da profusão de materiais analisados. Termina com um convite para a leitura. A tese encontra-se na Biblioteca Virtual da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Referências bibliográficas:

BARROS, J. D’A. *As hipóteses nas Ciências Humanas*. Aspectos metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2019.

DURÁN, D. *Historia De Las Indias De Nueva España Y Islas De Tierra Firme*. Vol.1 Editora Nabu Press, 2014.

GATO, M. *O Massacre dos Libertos*. Raça e República no Brasil (1888-1889). São Paulo: Perspectiva, 2020.

PANOFKY, E. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PRATT, M. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Educ, 1999.

SOUSA, A. M. de. *No Manto de Nossa Senhora de Guadalupe: A hibridação das culturas espanholas e Asteca do século XVI e as Antigas manifestações marianas*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

WRIGHT, R. *Transformando os deuses*. Os múltiplos sentidos de conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora UNICAMP, 1999.